

## ARTES E OFÍCIOS\*\*

### AS ARTES DA PELE

FRANKLIM PEREIRA \*

**E**sta comunicação vem na sequência das minhas investigações em torno do couro, português sobretudo, as minhas próprias criações em pele, e o facto de ser professor. Se aqui falo mais especificamente das artes da pele, não deixam contudo de alguns dados serem extensivos a outros ofícios.

A primeira constatação é que o trabalho prático com este material é extremamente cativante para os alunos. Está infelizmente o couro eliminado dos manuais oficiais; decisão triste, pois neste material pode ler-se a História dos povos: desde a caça, pastorícia, curtimenta, a uma enorme variedade de usos para as peles - e daí, uma progressão tecnológica. Se alguns usos são conhecidos e continuam nos tempos actuais, ficam, provavelmente, esquecidas as utilizações da pele em recipientes para água, vinho e azeite, forrando o exterior de barcos, ou como ricos painéis de parede, ... Nas criações a partir da pele - provável primeira manufactura humana - podem ler-se conquistas, influências, invasões, trocas comerciais. Na História da Pele repousa a possibilidade de revelar aspectos da História social, artística e tecnológica. Se a sua suspensão da área dos Trabalhos Manuais/Artes e Ofícios se deve à ideia que é um material caro, de modo algum significa que haja abundância de outros materiais mais baratos, não só este material nobre se tem revelado, através da minha prática como professor, um sucesso e atracção garantida, como tem ficado barato, quando não irrisório, usá-lo nas aulas.

O que quero salientar é que neste material - donde saíram tantos ofícios dis-

tintos - se conjugam Desenho e Geometria, Trabalhos Manuais, História da Arte, Tecnologia, Psicomotricidade; um ofício torna-se um meio para revelar, duma maneira prática, outros dados que, separados duma vivência diária de necessidades e criações, seriam - e não o são? - um desejo sobre os alunos.

Outra constatação é, que a História da Arte dominante tem atirado para segundo plano todas as criações que não sejam a Pintura, Escultura e Arquitectura dos últimos séculos, no Ocidente. Sob o rótulo de artes decorativas, artes menores, artesanato, se eliminam dados, evoluções, histórias, materiais e engenho humano que fazem também parte dum pulsar social e etnográfico de séculos. Lembre-se aqui, que os ofícios têm sido sobretudo tradições orais, aprendidas na oficina familiar, e, assim, passando para a geração seguinte, com seus segredos e "truques"; daí a falta de documentos, até porque as peças que sobreviveram aos saques, modas, e ao pó dos séculos são bem poucas.

Quanta imaginação, suor e capacidade manual não foi precisa para elaborar o primeiro sapato! E quantos artífices incógnitos e esquecidos não estão por detrás das ditas "artes maiores"! Não eram, com certeza, os senhores letrados que laboravam nas oficinas ou transaccionavam nos bazares. Mesmo o denominado "couro artístico" fica resumido a umas linhas na História da Arte; se peças em couro lavrado ainda se encontram em museus e casas particulares, quem sabe agora o que é o "guadamecim", o couro fino repuxado, pintado e até com aplicações de folha de ou-

\* Docente da Escola Preparatória da Póvoa do Lanhoso

\*\* Comunicação apresentada nas 1.ªs. Jornadas da ESE de Beja

ro ou prata? Tendo-se produzido em Portugal até ao séc. XVIII, e usado sobretudo como painel de parede, sobreviveram umas cadeiras estofadas com guadamecim, expostas nos dois Museus de Sintra, mas suficientemente afastadas do corredor destinado aos visitantes para que estes não reparem na sua beleza deslumbrante, e no que terá sido seu comércio, manufactura, técnica e estilos.

Relembre-se a palavra "marroquinaria" - se é usada a torto e a direito para designar criações em pele, não é contudo um termo inocente; nele estão absorvidos factos históricos, conquistas e influências culturais da permanência moura. de facto, a verdadeira marroquinaria que vi é o trabalho de estilo mudejar presente em sacos, alforjes e safões dos pastores alentejanos - uma zona da antiga Al-Andaluz sarracena, que também se estendia por Espanha, no que é agora a Andaluzia; é admirável como, ao fim de tanto século, ainda se encontra o estilo mudejar no couro presente nestas zonas de Portugal e Espanha. A juntar à música, arquitectura e gastronomia, eis o couro rural alentejano a revelar influências árabes.

No dia em que a denominada Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses reparar que alguns desenhos lavrados no couro negro dos cadeirões do séc. XVII e XVIII contam a nossa história tragicó-marítima, veremos a cadeira elevada a monumento nacional para exportação, ao lado da Caravela e do Fernando Pessoa.

Saiba-se que os artistas portugueses do couro lavrado eram o suprasumo da Europa, nos sécs. XVII e XVIII, herdeiros da melhor arte do couro; basta olhar e ver como o "couro artístico" português é tão artístico e importante como a cerâmica, azulejaria, ourivesaria, talha, escultura,... e com estes materiais partilha estilos e história. Esquecidos como estão pelas entidades culturais, servem no entanto os cadeirões para os empregados do Museu de Beja se sentarem à conversa - tal como aconteceu na dia da minha visita, em Julho passado. Não é a cadeira uma inven-

ção prática? Que importa serem cadeirões velhinhos, de excelentes gravações?

Claro que surrar uma pele - posteriormente convertida em elegantes sapatos ou luxuoso casaco - não é tarefa limpa (mesmo que actualmente seja a máquina a fazê-lo), mas esse é outro dado dos ofícios: um contacto directo com materiais da natureza; um contacto sensual que desprende o artifice da frieza sensitiva que a vida moderna do artificial comprado feito nos provoca. Libertadora da imaginação e engenho, é a arte uma terapia em muitas frentes - através dela pode a artifice participar e dissolver-se na criação presente na natureza; este é um processo subjectivo e individual, como uma "corrente subterrânea", a seiva do processo criativo. Demasiado esquecido pela mente ocidental mas que se vai revelando como o mais importante do Criar; agora que vai havendo maior conhecimento de outras culturas num ocidente demasiado obcecado com o objecto, torna-se mais urgente uma limpeza e claridade interiores para as quais a Arte Criativa é ótima ferramenta. mas é prisão se se entende um ofício como o repetir maquinal de gestos por parte do assalariado, que, só pelo facto de produzir peças iguais de padrões mais que batidos, tem oficialmente o rótulo de artesão.

É essa outra parte dum ofício, inseparável da atracção em criar com as próprias mãos - a inovação, experimentação e design. Com ou sem Mercado Comum, muitos ofícios ficaram repetitivos e amordaçados pelos padrões tradicionais. É errado denominar seus empregados de artífices ou artistas. E basta de considerar que aqueles que são eliminados pelo ensino oficial - seja por falta de dinheiro para estudar ou por incapacidade em obter o "canudo" - são os indicados para repetir os gestos ou premir os botões nas fábricas - sejam estas de vestuário, calçado, mobiliário, ou outras. Parece-me que tal atitude tem imperado em Portugal, tanto quanto pude ver e saber nos contactos e visitas que tenho realizado. facilmente há atrasos num mercado cada vez mais internacional onde outros apostam na inovação e design.

Lembro-me de me contarem que, na inauguração duma feira anual de artesanato, um ministro ter elogiado um artesão, enquanto este suava em bica para cortar troncos, a serem posteriormente convertidos em grandes tijelas. Se a máquina liberta o homem e alivia o trabalho. porque não usá-la?

Anos atrás, uma senhora do Ministério do Emprego ficou escandalizada por um artesão meu conhecido não cinzelar chapa à mão, mas com um aparelho eléctrico; entretanto a senhora elogiava uns exemplares em couro por mim feitos, de intrincado trabalho manual; acontece que a minha opinião coincidia com a do artesão da máquina. O que terá dito o homem da Idade da Pedra quando o seu vizinho passou a usar uma ferramenta em ferro, em vez do tradicional silex? Ou o que terão dito os contemporâneos da mó, quando esta passou a ser movida pela força da água ou do vento, em vez da força braçal ou animal? É bom que funções repetitivas e mecânicas sejam feitas pela máquina. Não é o uso de máquinas que faz o artesão, mas sim possuir um poder criativo dum quase "estado de alma".

Para finalizar, umas palavras quanto aos museus: desde há ano e meio que tenho vindo a tentar estudar e fotografar peças dos museus. Meu pedido de autorização demorou "sómente" 14 meses a receber resposta do denominado Instituto do

Património Cultural: para facilitar o estudo e registo fotográfico, o presidente desse conceituado Instituto autorizava-me a pagar 25 contos/hora ao Museu visitado... Comentários para quê? Todos sabemos quanto recebe um professor neste país, o quanto custa ter tempo livre para investigar fora das aulas, e o quanto o Ministério investe na educação e cultura... Quando entidades privadas ligadas ao património e à arte do couro, e sobretudo quando artesãos nas suas oficinas me dispensam tempo - e para estes o tempo é trabalho, e não é de conversa - começo a acreditar que alguns directores de museu criam obstáculos de propósito. Das muitas oficinas visitadas - não só em Portugal, mas também em Espanha e na Índia - fui recebido com simpatia e interesse - e eu não ia como comprador, e nem só como investigador: também queria aprender alguns aspectos do criar em pele, para o meu próprio trabalho. Devo dizer que as ideias pré-concebidas de que as oficinas são mundos fechados e os artesãos não mostram nada, foram arrumadas - e ainda bem; provavelmente o que falta é estudar e acarinhar todos os artífices dos ofícios, que bem merecem um monumento ao seu engenho, arte e dedicação.

Acima de tudo, o que quero salientar é a atitude do indivíduo criativo e inovador, seja nos aspectos do couro, ou noutros, dentro duma interacção escolas-ofícios-museus-sociedades.

*fotopax*

.RETRATOS DE ARTE  
.FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

Rua de Mértola, 63

7 800 BEJA

## FRIMAIS

SOCIEDADE DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LDA.

- . EQUIPAMENTOS HOTELEIROS
- . COZINHAS E LAVANDARIAS INDUSTRIAIS  
- Representante ZANUSSI
- . AR CONDICIONADO  
- Representante FNAC

Rua dos Açoutados, 17

☎ 2 35 23 7800 BEJA

